

MATSANGAÍAS SEM FUTURO HÃO-DE ACABAR

24/7/82

— depoimento de elemento fugido dos bandos armados

por Jacinto Khasa (texto) e Lúis Souto (foto)

As vagas sucessivas de deserções, que se verificam nas fileiras marginais daqueles que se chamam a si próprios de «Movimento Nacional da Resistência», vêm provar uma vez mais que contra a vontade de um Povo não há força capaz de sobreviver. Há bem pouco tempo, mais de 30 elementos, que foram dos bandos armados, fugiram e entregaram-se às FAM-FPLM, na Província de Manica.

Importa aqui salientar que este não é o primeiro caso desta natureza. Noutras regiões regista-se a entrada de elementos que tomando consciência do engodo em que tinham caído, se apresentam voluntariamente às nossas forças e relatam o que foi a sua vida junto dos bandidos que a África do Sul racista criou para desestabilizar a nossa economia.

Na edição de hoje trazemos o testemunho de um cidadão que, tendo sido capturado pelos bandidos conseguiu fugir e entregar-se voluntariamente. Este elemento alcançou agora a liberdade, essa liberdade que durante a sua permanência nas fileiras dos matsangaíais ajudou a perturbar. Mas deixemos que seja ele a contar.

Ficha Biográfica

Nome: Cheloni Armando Penicela

Idade: 19 anos

Naturalidade: Mocim - Chibabava

— Soiala

Ocupação: Camponês

Data da aliança

com os bandidos armados: Março de 1980

Forma: Rapto

«Em Março de 1980 eu saí da minha casa a caminho de casa da minha irmã em Chimundo quando pelo caminho encontrei os matsangaíais que me ameaçaram de morte com as armas e sem mais palavras, obrigaram-me a acompanhá-los. Levaram-me para Gol-Gol. Quando lá cheguei bateram-me e, mais tarde, fui submetido a um treino militar que

durou duas semanas e meia. Depois recebi uma arma. A minha tarefa era a de andar a roubar comida. A minha primeira acção foi contra uma moçoira de onde conseguimos roubar alguns sacos de farinha.

Salmos para um outro local e conseguimos quatro sacos de milho, cinco cabritos e 15 galinhas. Voltámos a sair para uma outra zona e trouxemos um saco de farinha cinco cabritos, um pato e oito galinhas. Depois desta operação, fui alinhado para ir até a base principal que estava em Sitafonga (Mossurize) levar uma carta ao chefe da base. Eu já não aguentava aquele sofrimento. A gente roubava galinhas, cabritos mas não podia comer, era só para os chefes. Então resolvi fugir. Em Abril de 1980, fugi de Sitafonga. Fui ficar um mês em casa e, no mês seguinte, segui para Zimbábue. Mas, como fui lá sem passaporte, fui preso e mandado de volta para Moçambique, no dia 17 de Dezembro de 1981.

P—Mas para que é que vocês eram obrigados a lutar?

Cheloni Armando Penicela — Eles dizem que querem acabar com as Aldeias Comunitárias. Nos treinos, dizem que não devíamos ter medo porque a Frelimo estava lá a acabar.

P—E vocês acreditavam nisso?

CAP—Concretamente não sei o que se passava nas cabeças dos outros, mas eu não acreditava. Porque quando a Frelimo chegasse nós é que

fugíamos e nos combates morríamos como galinhas, que é assim; nós é que acabávamos...

P—Quando vocês chegavam a



Cheloni Armando Penicela — «As armas vinham da África do Sul»

uma Aldeia Comunitária, para além de roubar a comida, é que é que faziam mais?

CAP—Procurávamos identificar as casas dos membros do Partido e, caso os descobrissemos, queimávamos as casas, rapávamos os homens, se fosse possível e quando não eram mortos ali mesmo. Isto é o que vi e fiz quando estava ainda com os Matsangaíais.

P—Você estava em Sitafonga. Pode dizer-nos se lá havia só pretos?

CAP—Nada, havia também brancos. Vão lá.

P—O que é que faziam?

CAP—Uma eram instrutores, outras eram operadoras da rádio.

P—E as armas que vocês tinham de onde é que vinham?

CAP—Vinham da África do Sul

P—Como é que prova?

CAP—Quando lá estava, recolhi algumas calças largadas de pára-quedas pelos aviões e, nesse dia, os brancos que trabalhavam com a rádio, tinham-se espalhado pelo matto para orientar o avião.

P—Você fugiu dos bandos armados. Conhece alguém mais que queria fugir de lá?

CAP—Ah, para se fugir não se pode contar a ninguém. Há muita desconfiança. Ali pensava que um A espilão do outro, então se você conta a alguém que quer fugir, pode até ser o seu fim e se não matem enterram até ao pescoço durante três meses. Eu vi um assim, só o tiravam três vezes por dia. Passava toda a noite ali mesmo enterrado.

P—Que diria você aos seus antigos amigos, se os encontrasse?

CAP—Eu dir-lhes-ia que estão a sofrer injustamente. Pedia-lhes para voltar para casa, porque ao fim e ao cabo não somos soldados; nenhum. Moçambique está independente e nada do que estão a fazer tem futuro. Frelimo não mata a ninguém e tam-bém não acaba como eles estão a dizer...

Estes dois depoimentos, para além de denunciarem o envolvimento da África do Sul racista nas acções de sabotagem que, através dos bandidos que-ela própria arma para desestabilizar o nosso País, indicam claramente quais são os seus preferidos: as Aldeias Comunitárias, os bens da população e as vias de comunicação, estradas e pontes. Em poucas palavras os seus preferidos são todas as infra-estruturas económicas. Tudo aquilo que constitui base fundamental para o nosso progresso. Tudo aquilo que representa as condições imprescindíveis para a vitória sobre o subdesenvolvimento. Estes são os seus principais alvos. Embora lhes digam lá durante os treinos de que são preparados para combater as FPLM, a prática deles é bem diferente e uma confrontação com as FPLM constitui um acidente e nem é por acaso que recorrem a feticheiros, Muzimoz Mademonia, etc. etc. para lhes «incantarem» o caminho por onde não passam as FPLM. Esta preocupação corresponde a uma estratégia firmemente concebida, com vista a atacar, destruir e desorganizar a vida das populações para assim poderem tirar as culpas por cima do sistema socialista que estamos a edificar. Mas como o disse um dos matsangaíais «a Frelimo não acaba, nós (os matsangaíais) é que estamos a acabar».